



Palavras - chave:
Exílio; Resistência;
Saint-Exupéry.

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo compreender brevemente de que forma a vivência de um exilado e o contexto em que vive podem fazer parte do enunciado de sua obra. Levando em consideração os acontecimentos mundiais e as potências que se envolviam, consideramos relevante conhecer o contexto de surgimento de *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, sendo este o fundamento que nos possibilita refletir se a presente obra pode ser lida como uma obra de resistência ao poder imperial ou uma obra que reproduz e/ ou reforça esse poder. Para o presente estudo, tomamos as postulações de Edward Said (2003) Breton (1978) Cerisier e Lacroix (2013) dentre outros.

UM OLHAR SOBRE O EXÍLIO E A RESISTÊNCIA EM SAINT-EXUPÉRY

Janeffer Desselman ¹
Keli Cristina Pacheco ²

SITUANDO AUTOR E OBRA

O pequeno príncipe é uma obra de Antoine de Saint-Exupéry lançada em 1943 originalmente nos Estados Unidos, e em 1946 na França. O autor dessa obra sempre foi muito envolvido com artes e era encantado pela aviação. Saint-Exupéry, desde muito pequeno, gostava de aviação. De acordo com dados do site *Antoine de Saint-Exupéry*: “Antoine de Saint-Exupéry vole pour la première fois en juillet 1912”³, ainda com 12 anos de idade, junto de seu colega piloto. Já na sua fase adulta, adentra a aviação no regime militar. De acordo com Cavalcanti (2011, p.14): “O poeta, aviador e escritor Antoine de Saint-Exupéry havia se exilado em Nova York, Estados Unidos, em 1941 depois que a França se rendeu aos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial”, momento em que Antoine passava por várias tribulações referentes à sua saúde, e, por conseguinte, foi afastado da aviação.

Exupéry se exilou nos EUA e viveu longo período de tristeza e solidão, pois não falava inglês e não recebia notícias de sua família. O escritor permaneceu nos EUA e, sentindo muita falta de sua terra natal, sentia-se pesaroso por estar em terras estrangeiras. No período em que ficou exilado, Exupéry publicou várias obras e recebeu diversos prêmios nos Estados Unidos, referentes às obras *Piloto de Guerra* e *Voo Noturno* e, inspirado por seus editores, passou a produzir uma obra que seria inicialmente para crianças.

De acordo com os textos e depoimentos reunidos por Cerisier e Lacroix e traduzidos por Maria Helena Rouanet (2013), Exupéry então passou muito tempo dedicando-se a sua nova obra, estaque, de acordo com amigos, inspirava-lhe por ser parte de sua própria vida. Quando lançado, muitos críticos e revisores ficaram em dúvida sobre o público a que se destinava *O pequeno príncipe*. Muitos de seus leitores ficaram confusos, e a obra recebeu várias críticas até que alcançasse os olhos adultos.

O sentimento de Saint-Exupéry era de saudade da sua pátria, e foi então que ele encontrou na literatura e no ato de escrever seu refúgio, como nararam Cerisier e Lacroix (2013):

O pequeno príncipe, nascido de uma profunda sensação de isolamento que o autor experimentava em Nova York, não foge à regra, pois, antes de se tornar o herói de um livro, o pequeno personagem tinha se instalado na vida do escritor (CERISIER e LACROIX, 2013, p. 05).

1 Especialista em História, Arte e Cultura, UEPG.

2 Orientadora. Professora Adjunta do Departamento de Estudos em Linguagem e docente permanente do Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG.

3 Antoine de Saint-Exupéry voa pela primeira vez em julho de 1912 (tradução nossa).

Essa obra obteve muito sucesso e foi considerada um *best-seller* por tantas reedições que recebeu em vários países desde a primeira edição, mas foi publicada na França somente em 1946. Os franceses conheceram *O pequeno príncipe* como obra póstuma, e foi apenas então que o livro teve um alcance mundial, recebendo inúmeras reedições em diversas línguas e dialetos.

O pequeno príncipe é uma narrativa conduzida em primeira pessoa por um aviador que narra a história que vivenciou ao conhecer um príncipezinho enquanto encontrava-se exilado no deserto do Saara. Podemos rapidamente resumir que o personagem central é uma criança que é capaz de compreender todas as coisas. Essa criança sai de seu asteroide em busca de conhecimento. Quando se encontra com o aviador (o narrador), o menino consegue despertar nele a sua infância que estava adormecida. Essa leitura só é possível a partir da maturidade do leitor que envolve encontrar-se com o seu eu criança e também compreender aquilo que a personagem propõe, que são os valores esquecidos por aqueles que o narrador denomina “pessoas grandes”. Temos aqui, então, uma possibilidade de leitura: nos parece que o próprio narrador pede ao leitor um despojamento de seu olhar adulto. De certa forma, ele propõe uma viagem desse adulto à infância, permitindo ao leitor compreender esse olhar infantil que resgata sensações esquecidas, como indica o trecho abaixo:

Não gosto que leiam meu livro superficialmente. Dá-me tristeza narrar essas lembranças! Se tento descrevê-lo aqui é justamente porque não quero esquecê-lo. É triste esquecer um amigo. Nem todo mundo tem um amigo. E corro o risco de ficar como as pessoas grandes que só se interessam por números. (EXUPÉRY, 2009, p.18).

Percebemos, dessa forma, que o narrador faz uma exortação sobre a maneira como o leitor pode fazer essa leitura. Esta necessariamente exige um despojamento de si e uma compreensão do universo infantil através dos olhos de uma criança que é o príncipezinho, levando o leitor a despertar a criança que existe dentro de si.

Ao pensarmos no contexto de escrita da obra, faz-se necessário destacar que esta foi realizada em meados da Segunda Guerra Mundial, em que França e Estados Unidos se aliavam, e em que ambos os países lutavam por poder e visibilidade. De início, lembramos que uma das visões que embasa este trabalho é repensar a leitura de uma obra através do

seu tempo histórico e de como os acontecimentos de uma época permitem uma reflexão do passado e também do presente. Nessa perspectiva, podemos concordar com o que afirma Said (1999):

A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas. Esse problema alimenta discussões de toda espécie — acerca de influências, responsabilidades e julgamentos, sobre realidades presentes e prioridades futuras (SAID, 1999, p. 31).

É dentro desse pressuposto que o presente trabalho objetiva discutir como a experiência de exílio de um escritor possibilita uma nova visão de mundo, ou melhor, de que forma sua produção representa ou ressignifica o período em que vive. Isso também nos leva a refletir se é possível conceber essa obra como resistente ao imperialismo, em uma época de acentuada disputa por territórios e de imposição, e até extermínio cultural, ou, por outro lado, se a mesma obra fazia parte, ou era fruto do imperialismo e propagava seus valores. Ao tratarmos de imperialismo, vale ressaltar que, de acordo com Said (1999), o termo “imperialismo” vem desses conflitos territoriais entre dominador e dominado desde a antiga civilização:

As ideias de levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos, a noção incomodamente familiar de que se fazia necessário o açoitamento, a morte ou um longo castigo quando “eles” se comportavam mal ou se rebelavam, porque em geral o que “eles” melhor entendiam era a força ou a violência; “eles” não eram como “nós”, e por isso deviam ser dominados (SAID, 1999, p.7).

Said nos aponta o principal motivo da disputa imperial, mas também os outros objetivos atrelados a ela:

O principal objeto de disputa no imperialismo é, evidentemente, a terra; mas quando se tratava de quem possuía a terra, quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, quem a explorava, quem a reconquistou e quem agora planeja seu futuro — essas questões foram pensadas, discutidas e até, por um tempo, decididas na narrativa (SAID, 1999, p.8).

Neste sentido, através da reflexão, buscaremos discutir qual é o papel que essa

criança, representada pela imagem e pelas ações do príncipezinho, possui na obra, levando em consideração esse contexto sócio-político em que foi escrita.

1. A EXPERIÊNCIA DO EXÍLIO EM MEADOS DO CONFLITO MUNDIAL E SEUS CAMINHOS

Esse período em que Exupéry está nos Estados Unidos é de grande preocupação e tensão mundial. Relatar ou resumir os impactos que a segunda guerra mundial deixou seria uma tarefa no mínimo hercúlea, e é por isso que trataremos de como Exupéry vive e compreende esse momento.

De acordo com Munhoz (2014), a guerra já era esperada e temida por todos os envolvidos nos conflitos territoriais e culturais daquela época. Em 1938, após o acordo de Munique, surgem rumos de guerra pelo mundo todo:

Em setembro de 1939, a França e a Grã-Bretanha declaram guerra à Alemanha, por isso o capitão Saint-Exupéry, que já havia se alistado, recebe ordens para apresentar-se na base militar em Toulouse. Como já havia sido testemunha dos desastres da Guerra Civil Espanhola, visitara a União Soviética, também havia conhecido a preparação de uma Alemanha nazista, Saint-Exupéry temia o que mundo poderia sofrer com um dos períodos mais turbulentos da história da humanidade (MUNHOZ, 2014, p. 36).

Assim, podemos compreender que Exupéry já se preparava para o grande acontecimento mundial e o temia. Ainda de acordo com Munhoz (2014), Exupéry já sofria de problemas de saúde e foi preciso insistir muito para que pudesse servir como piloto no grupo de aviação. Exupéry, que sempre se interessou por mecânica e aviação, contribuiu para a resolução de alguns problemas de armamento que a França enfrentava para a preparação para a guerra.

Nesses meses de espera, os soldados franceses não receberam devido treinamento e estavam sob o domínio de um comando ineficaz. Munhoz (2014) ressalta que “o Exército francês é surpreendido com a invasão da França pelas forças alemãs, que rapidamente conquistam boa parte do território, a partir de ataques rápidos e inesperados, a chamada ‘blitzkrieg’, ou ‘guerra-relâmpago’” (2014, p.37). Compreendemos as grandes dificuldades que a França enfrentava nesse momento, como ressalta Munhoz:

Para Saint-Exupéry, que participou do conflito, uma das grandes dificuldades foi a falta de avião, além da inferioridade não só em relação ao material de guer-

ra, mas também de material humano: “Enfrentamos o inimigo com um homem contra três. Um avião contra dez ou vinte e, de Dunquerque, um tanque contra cem (MUNHOZ, 2014, p. 49).

Munhoz (2014) ainda revela que, após intensa batalha, Exupéry resolve se exilar nos EUA, quando o armistício é assinado em junho de 1940. Como declara Munhoz: “ao chegar à América, em 31 de dezembro de 1941, esperava encontrar seus compatriotas para debaterem a situação da França e buscarem soluções, mas, para sua grande decepção, encontra-os divididos entre degaullistas e os pacifistas” (MUNHOZ, 2014, p.38).

Exupéry vivencia momentos difíceis em solo estrangeiro, Munhoz (2014) salienta, pois, que para Exupéry a guerra chegava ao seu fim quando em 1941 os Estados Unidos, que até então se encontravam neutros, têm sua entrada na guerra marcada pelo ataque da marinha japonesa à base norte americana de Pearl Harbor:

Por toda a década de 30, os Estados Unidos mantiveram uma política de neutralidade em face dos acontecimentos na Europa, como a Guerra Civil Espanhola, a invasão da Polônia e a queda da França. Por essa razão, Saint Exupéry afirma que França lutou sozinha pela democracia, porém não recebeu ajuda da mais poderosa: “Mas a mais poderosa (das democracias), a que poderia ter nos salvado, recusou-se ontem e se recusa também hoje. Tudo bem. Está no seu direito.” Na verdade, ele acreditava na intervenção norte-americana como a única solução para o término da guerra e a vitória dos Aliados (SAINT-EXUPÉRY, 1999 apud MUNHOZ, 2014, p. 58).

Sendo assim, com a entrada dos Estados Unidos na guerra, os Aliados passam a ter mais força, o que resulta na derrota do grupo do Eixo. Milhares de pessoas mortas, milhares de pessoas feridas, o mundo então vivia a sombra de uma vitória com gosto de derrota. As atrocidades da guerra ficaram marcadas na história e na cultura do mundo todo.

Ao tratarmos da Segunda Guerra Mundial e do imperialismo, não podemos deixar de pensar na experiência que Exupéry viveu durante esse período bélico e como ele percebia esse desejo motivador de domínio territorial e cultural. Perder sua terra, seu país, era também perder parte de sua cultura. Inúmeras foram as pessoas que assim como Exupéry deixaram sua terra e viveram essa mudança de ambiente e adequação/imposição de outra cultura. Ao pensarmos nos diversos conceitos de cultura nos deparamos com a afirmativa de Said (1999). Para o teórico, a cultura é a herança deixada através de

costumes e produções que permanecem vivas, ou podemos dizer que existe grande esforço para que permaneçam, na memória das gerações. A cultura, de acordo com Said, é uma fonte de identidade.

Said ainda nos aponta dois caminhos para a definição de “cultura”, sobre elas:

Quando emprego o termo, ele significa duas coisas em particular. Primeiro, “cultura” designa todas as aquelas práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante o campo econômico [...] e sobretudo as formas culturais, como romance, que julgo terem sido de enorme importância para a formação das atitudes, referenciais e experiências imperiais (SAID, 1999, p. 12).

De acordo com Said (1999), a escrita, ou o poder de narrar, ditar o que estava sendo narrado, era de grande importância na conquista não só da terra, mas da apropriação das manifestações e espaços culturais de um povo. Para este crítico literário, através da literatura conhecemos também a herança histórica de um povo.

Ao tratarmos de países como a França, terra natal do autor de *O pequeno príncipe*, não há como contornar o fato de que, por muito tempo, esta buscava impor-se mundialmente, chegando a conquistar territórios que dominou como colônias. Assim, não podemos deixar de pensar nas questões de dominação e apropriação cultural. No século XIX, a França e vários outros países foram considerados grandes potências imperiais. Porém, para que a dominação colonial ocorra, há a necessidade do uso de práticas imperialistas, como explica Said (1993):

Usarei o termo “imperialismo” para designar a prática, a teoria e as atitudes de um centro metropolitano dominante governando um território distante; o “colonialismo”, quase sempre uma consequência do imperialismo, é a implantação de colônias em territórios distantes (SAID, 1999, p. 40).

Sabidamente, França e Estados Unidos, pátrias de origem e destino de Exupéry, adotaram ao longo da história, em diferentes matizes, práticas políticas de dominação, colonialistas e imperialistas, porém, em situações de guerra, notadamente de uma guerra que atingiu uma dimensão mundial, propagando o nazismo, o quadro de violência torna-se ainda mais agudo.

Nessa mesma tentativa de adaptar-se ao exílio, em um novo espaço, Exupéry resiste a aceitar os Estados Unidos como seu novo lar. Ele sabe que seu lar é a França e sofre junto com ela, pois, se levarmos em consideração que todo ser vivencia uma época e constrói sua identidade de acordo com o que vive, podemos compreender que quando o sujeito se desloca e vive um exílio, ele carrega consigo toda a herança cultural de sua terra. E este sujeito não deseja perdê-la, pois a única coisa que possui de seu lar é a sua cultura.

Esse contexto de conflito mundial de guerra pode também ser compreendido como uma busca, um desejo em massa de domínio de terras e imposição de cultura. O contexto em que *O pequeno príncipe* é escrito é de grande sofrimento para o mundo, por conta de toda a busca por domínio territorial e cultural que o envolvia. Portanto, ao analisarmos a obra de Exupéry, podemos encontrar algumas críticas ao ser humano ganancioso e egoísta e a busca de valorização das relações humanas, o que, por via de regra, contraria os objetivos principais da conquista de territórios e culturas.

A personagem principal dessa obra é uma criança que compreende todas as coisas e mostra ao narrador um mundo de esperança e uma visão de mundo muito diferente da visão do adulto, que é a própria infância já vivida. É através desse encontro entre narrador e a criança que parte o desejo do narrador de reavivar sua história por meio da escrita. Antoine, ao sentir-se só em terras estrangeiras, procura abrigo na literatura, e é da experiência da solidão que nasce uma das obras mais lidas no mundo todo.

De acordo com relatos de amigos, e pessoas próximas de Exupéry, parte da tradução que compõe o livro *A bela história de O pequeno príncipe*, “Amigos do pequeno príncipe, depoimentos de 1943 a 1944”, pode ser lida como um reflexo de seus sentimentos. Em alguns depoimentos da obra que reúne cartas dos amigos e pessoas próximas que testemunharam o momento de escrita de *O pequeno príncipe*, podemos perceber o sentimento de solidão e tristeza que estavam ao seu redor por conta da situação de transição vivenciada, como consta no depoimento de Anne Lindbergh, esposa de um piloto colega de Exupéry:

4 Esta obra é um reunido de depoimentos dos amigos de Saint-Exupéry que Alban Cerisier e Delphine Lacroix compilaram ao longo dos anos 1943 e 1944, traduzida por Maria Helena Rouanet e publicada em 2013, juntamente com a versão traduzida de *O pequeno príncipe*, por Ferreira Gullar.

Não, não é absolutamente para crianças. Ele não sabe o que é uma criança. É um adulto com coração de criança. O autêntico 'puro de coração' de Dostoievski... Trata-se de uma tristeza íntima, eterna melancolia, eterna sede, eterna busca... Dá vontade de consolá-lo. (Deduzo que quando escreveu essa história estava infeliz, doente e solitário). Mas sabemos perfeitamente que isso não é possível. (LINDBERGH apud CERISIER e LACROIX, 2013, p.42).

Ao tratarmos do exílio de Exupéry, Said (2003, p.54) nos aponta algumas diferenças entre exilados, refugiados, expatriados e imigrados, mas afirma que, dentre todas as definições, na experiência do exilado está o toque de solidão na espiritualidade. Essa é a solidão que mencionamos em Exupéry, portanto, dentre todas as definições apontadas por Said, e pela condição da vivência de Exupéry, o chamaremos, sobretudo de exilado.

Said ainda acrescenta que:

O exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela- o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos (SAID, 2003, p.59).

Exupéry sente-se triste e sofre por não estar na sua terra, na sua cultura, e, mesmo encontrando muitos franceses que estavam também exilados nos Estados Unidos, não se sente pertencente a esses grupos. O depoimento de Nelly de Vogué, amiga e confidente de Exupéry, nos traz traços desse mesmo sentimento presente na vida de um exilado: o sofrimento, a falta de sua pátria, e de como a literatura se tornou importante em sua vida:

Ele está triste, solitário e fica desenhando, meio distraído, figuras do pequeno príncipe com ar de espanto e cara de decepção... Será que devia, através da voz doce de uma criança, nos confiar o que havia de mais secreto na própria alma? Talvez, mas sem admitir que fazia isso. E se alguém mais reconhecer na confiança do pequeno príncipe o pensamento do homem, Saint-Exupéry já alerta de antemão: "É isso mesmo, mas não diga nada" (CERISIER e LACROIX, 2013, p.37).

O desejo de Exupéry era de estar na França e socorrer seu país. Seu sentimento era perceptível por todos os amigos que estavam por perto, como aponta o depoimento de Jules Roy:

Depois de um longo silêncio, começou a falar de sua angústia. Não queria confessar o próprio desespero, mas sentia, na alma e no corpo o sofrimento da França. Lamentava febrilmente o fato

de não poder socorrê-la de imediato, enquanto o país estava sufocando, mas encarnava na França tudo o que podia fazer da terra uma pátria[...] (CERISIER e LACROIX, 2013, p. 41).

Apesar de não estar na França, Antoine não se permitia pertencer aos Estados Unidos, ele sabia onde era seu lar. Para Said (2003, p.54) "O exilado insiste ciosamente em seu direito de se recusar a pertencer a outro lugar".

Mesmo estando longe de sua terra natal, Exupéry vive momentos difíceis por conta de toda a questão política que envolvia o mundo em contexto bélico. O escritor era acusado de não tomar partido, pois preferia não se posicionar, como narra Munhoz:

A comunidade francesa estava dividida por facções, entre eles havia um ódio sectário, fazendo até mesmo com que franceses denunciassem outros franceses à polícia. Saint-Exupéry recusava-se a participar dessas brigas políticas e partidárias. A sua luta era pela liberdade do homem, além dos interesses particulares de grupos. Segundo ele, nenhum francês tinha direito de combater outro francês, pois a unidade nacional devia estar acima de qualquer outra exigência. Recusava-se a tomar parte na luta que De Gaulle impulsionava, pois se tratava de uma luta fratricida (MUNHOZ, 2014, p.151).

É também dentro desse período que Exupéry vive o exílio por estar longe de sua pátria e também de seus próprios compatriotas, não se sentindo pertencente a nenhum grupo. Esses grupos estavam divididos e assim o desconsideravam, e é então que a literatura torna-se também seu asilo.

Exupéry, de certa forma, encontrou refúgio de seus sentimentos na vida literária. Sobre o refúgio literário, Maurice Blanchot escreve que:

A obra é um círculo puro onde, enquanto escreve, o autor expõe-se perigosamente à pressão que exige que ele escreva, mas também se protege dela. Daí resulta- pelo menos em parte- o júbilo prodigioso, imenso que é libertação... Que, é verdade, terá consistido em encerrar-se fora de si (BLANCHOT, 1987, p. 46).

Afinal, a linguagem literária, muitas vezes, diz aquilo que não se pode dizer. É como uma necessidade de dizer o que não é dito em outras instâncias discursivas da sociedade. O espaço literário, nesse sentido, pode ser compreendido como espaço de acolhimento. Blanchot (1987) ainda nos ensina que uma obra é sempre inacabada, o processo de escrita é contínuo:

A necessidade de escrever está ligada à abordagem desse ponto onde nada pode ser feito de palavras, donde se projeta a ilusão de que se for mantido o contato com esse momento, mas voltando ao mundo da possibilidade, “tudo” poderá ser feito, “tudo” poderá ser dito (BLANCHOT, 1987, p.46).

Exupéry se dedica por muito tempo à escrita de *O pequeno príncipe*, de acordo com Cerisier e Lacroix(2013,p.7), é como se ele tivesse a necessidade de transmitir aos seus contemporâneos um relato de conversão, um mito recriador. Exupéry dedica-se e coloca muito de si nessa obra, como afirma Annabella, atriz francesa amiga do autor:

Esse personagem ideal era a forma que Saint-Exupéry encontrou para demonstrar que não gostava dos homens como eles eram, não gostava da vida moderna, da vida norte-americana. Pois a despeito de toda atenção que lhe davam no país, ele sofreu muito nos Estados Unidos, sofreu muito por estar longe da França, da França ocupada, cujo desespero carregava consigo uma ferida aberta. Foi sem dúvida por esse motivo que ele se refugiou na pureza do pequeno príncipe: porque não podia se ligar a um homem, a De Gaulle (CERISIER e LACROIX, 2013, p.33).

Essa exigência que Saint-Exupéry teve com sua obra vem de uma necessidade de escrever. De acordo com Blanchot(1987),tal exigênciafaz com que Antoine se dedique tanto à sua obra, como um meio de refugiar-se da dor da solidão que vive. Assim, escrever é como colocar-se para fora de si:

O piloto estava em péssimas condições, corroído por um sentimento de culpa e vulnerabilidade. Ficava rodando em círculos naquele exílio inútil, apesar de amigos e dos ternos episódios de companhia feminina que polarizaram as suas peregrinações novaiorquinas, sentia-se acuado. Todavia, Saint-Exupéry não era Lamartine. O poeta do Isolamento... O romancista respondeu que é na vivência do deserto que se pode sentir efetiva presença de si mesmo e dos seus no mundo. Mesmo nos momentos mais sofridos, Exupéry não cedeu ao canto do desespero (CERISIER e LACROIX, 2013, p.12).

Foi no seu deserto espiritual que nasceu a obra que tomou tanta proporção pelo mundo, fruto de um isolamento, de uma melancolia, de uma busca por refúgio. A literatura foi, para Exupéry, o asilo de suas lamentações, um mundo que poderia ser seu, da maneira como desejasse. Não poderia pertencer a ela, mas também não pertencia à realidade vivida. Sua saudade de casa e, podemos intuir, de

sua infância,deram impulso para a escrita da obra, afinal,no mundo da literatura podia, de certa forma, afastar-se de si, do contexto triste que vivia, e paradoxalmente encontrar-se.Em depoimento, a irmã de Antoine, Simone de Saint-Exupéry,confirma essa saudade que Antoine sentia de sua infância e afirma que ele nunca compreendeu o mundo dos adultos, assim como o personagem de sua obra, *O pequeno príncipe*.

O pequeno príncipe foi uma evasão; a condensação desse passado feliz durante o qual um menino de cachinhos louros e, mais tarde, um estudante bem agitado, vivia num planeta encantado, o planeta da infância. Se ele pôs todo seu coração nos desenhos de *O pequeno príncipe* foi porque lhes permitiram traduzir os seus sentimentos secretos, aqueles que o pudor do escritor o proibiam de confiar à sua obra (CERISIER e LACROIX, 2013 p.43).

Ao analisarmos os trechos das cartas dos mais próximos de Exupéry, percebemos que o envolvimento do autor com sua obra é de grande intimidade, e que a criança (essa que se encontra dentro do adulto, que é o aviador, e na imagem do príncipezinho) tem grande valor simbólico.

Não podemos deixar de lembrar que a infância foi tema da vanguarda surrealista que teve sua origem na França. André Breton⁵(1978), no *Manifesto do Surrealismo* nos traz justamente uma reflexão sobre a infância, vendo-a como uma forma de olhar adulto. Sobre essa experiência, Breton ressalta que:

O espírito que mergulha no surrealismo revive com exaltação a melhor parte de sua infância. Representa para ele um pouco a certeza de que, estando a ponto de se aborrecer, repassa ao menos por um minuto, todo o intransponível de sua vida. [...] Das recordações da infância e de algumas outras se desprenderá um sentimento não-monopolista e em seguida de desviamento que eu considero o mais fecundo que existe. Talvez seja a infância o que mais se aproxima da “verdadeira vida”; a infância além da qual o homem não dispõe, além do seu salvo conduto, senão de algumas entradas a favor; a infância onde tudo concorria, entretanto, para a posse eficaz, e sem acasos, de si mesmo. Graças ao surrealismo, parece que essas chances voltam (BRETON, 1978, p.197).

Podemos fazer dialogar os ideais do surrealismo e as afirmações supracitadas de Blanchot que, por sua vez, ressalta a liberdade da escrita.É importante destacar que a via de pensamento do surrea-

5 Consideramos importante o destaque feito por Colli (2014, p.148), que ressalta que Exupéry e Breton tiveram uma discussão bastante calorosa sobre posições políticas, assim como com outros contemporâneos.

lismo é o inconsciente, muito diferente da maneira como Exupéry conduz a obra. Entretanto, a importância dada pelo surrealismo à criança nos interessa. Podemos notar que, para Breton, é na infância que vivemos a liberdade do ser e a compreensão efetiva dos valores verdadeiros, ao sentirmos um pouco de volta a liberdade de pensar sem ser reprimido ou repreendido. Breton (1978 p.185) afirma ainda que “Só o que me exalta ainda é a única palavra, liberdade.” Liberdade essa que, durante a infância, é amparada pela inocência e que, na fase adulta, torna-se um desejo. O adulto carrega consigo as experiências que vai adquirindo ao longo da vida e torna-se escravo das regras sociais do mundo adulto.

Assim como Breton, Blanchot também compreende o surrealismo como um movimento na literatura de experiência de autoconhecimento, como ressalta Coli (2014) em seus estudos: “Uma relação imediata do indivíduo com si mesmo”. É dessa forma que podemos perceber a importância da escrita para essa experiência que Exupéry vive.

Esse dedicar-se ao que escreve – que encontramos nos relatos dos amigos de Exupéry já mencionados – pode ser visto também como um fazer que possibilita tecer outras possibilidades de presença e de mundo, de acordo com Coli (2014, p.12), Blanchot visualiza no surrealismo: “A concepção de uma literatura e de um fazer literário que se apresentam como experiência, como forma de estar no mundo e de criar mundos”.

Em *O pequeno príncipe*, o príncipezinho diversas vezes apresenta diferenças entre o mundo adulto e infantil, e alerta o narrador sobre as preocupações da vida adulta:

O príncipezinho perturbou de novo meus pensamentos:

- E tu achas então que as flores...

- Ora! Eu não acho nada. Respondi qualquer coisa. Eu só me ocupo com coisas sérias!

Ele me via de martelo em punho, dedos sujos de graxa, curvado sobre um objeto que lhe parecia ser muito feio.

- Tu falas como as pessoas grandes!

Senti um pouco de vergonha (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 26).

É como se, através do diálogo entre o narrador e o príncipezinho, o leitor pudesse ter acesso aos dois olhares: infantil e adulto. Ao falar da liberdade, Breton (1924) alerta sobre a servidão do espírito, ou seja, viver apenas em função da razão:

Entre tantos infortúnios herdados, deve-se admitir que a maior liberdade de espírito nos foi concedida.

Devemos cuidar de não fazer mau uso dela. Reduzir a imaginação à servidão fosse mesmo o caso de ganhar o que vulgarmente se chama a felicidade, é rejeitar o que haja, no fundo de si, de suprema justiça (BRETON, 1978, p. 185).

A criança possui uma leitura de mundo bastante autêntica e singular, pois não se preocupa em encaixar seus pensamentos em moldes sociais, ela muitas vezes expressa o que deseja, como deseja, e é essa forma de expressão de mundo que, ao longo da vida, o adulto vai perdendo. Na obra, o príncipezinho alerta o aviador sobre as diferenças entre as crianças e as pessoas grandes:

Se lhes informo todos esses detalhes sobre o asteroide B 612 e lhes confio o seu número, é por causa dos adultos. Eles gostam de números[...] Assim, se você disser: “A prova de que o pequeno príncipe existe é que ele era encantador, que ele ria e queria um carneiro, isso prova que esse alguém existe”, eles darão os ombros e o tratarão como uma criança. (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 17).

O leitor passa a conhecer o universo da obra a partir dos detalhes dados pelo narrador, que busca recuperar a sua imaginação através do processo de narrar suas vivências. A experiência com a imagem da criança, presente no príncipezinho, é essencial para que o leitor recupere seu olhar sobre si e sobre os valores que tem acumulado ao longo da vida. Como notamos no trecho:

Elas [as pessoas grandes] adoram os números. Elas são assim mesmo. É preciso não lhes querer mal por isso. As crianças têm que ter muita paciência com as pessoas grandes. Mas, com certeza, para nós, que compreendemos o significado da vida, os números não têm tanta importância (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 17-18).

O Pequeno príncipe parece ter sido escrito com um desejo de repensar a maneira como a humanidade vinha construindo suas relações até então. Através do processo de escrita, que o autor tão cuidadosamente elaborou, podemos identificar também os processos de autoconhecimento e de experiência do autor gerados através do seu texto, como destaca Coli (2014, p.17): “Não há uma separação ou um rompimento entre sujeito e mundo, nem entre o mundo real e os mundos possíveis experimentados pelo sujeito”. Dessa forma, no seu processo de escrita de *O Pequeno príncipe*, pode-se dizer que Exupéry permitiu-se também repensar o seu próprio olhar para o mundo e para os valores de sua época.

É contínuo na obra encontrarmos momentos de reflexão entre esses personagens sobre os valores humanos, todos trazidos através do mundo fresco e imaginário da criança. Esse olhar infantil faz que o leitor também compreenda os aspectos importantes da vida, ou melhor, aspectos que escapem do império da lógica a que os adultos submetem à vida. Breton(1978), sobre isso, alerta:

Ainda vivemos sob o império da lógica, eis aí, bem entendido, onde eu queria chegar. Mas os procedimentos lógicos, em nossos dias, só se aplicam a solução de problemas secundários. O racionalismo absoluto que continua em moda não permite considerar senão fatos dependendo estreitamente da nossa experiência (BRETON, 1978, p. 187).

Novamente podemos fazer dialogar as postulações de Breton(1978) e as possibilidades de leitura do texto de Exupéry. Essa experiência do adulto, racionalista absoluto, por vezes reprime os pensamentos da criança. É como se o adulto estivesse vestido de uma carcaça da verdade absoluta e razão em que a criança não entra, e é justamente isso que o príncipezinho resgata no narrador e, por consequência, permite que o leitor também resgate dentro de si. Nessa narrativa, temos o encontro do sujeito racional revestido de experiências com a criança que tudo é capaz de compreender e sentir através do mundo imaginário e de seu coração puro. Em certo momento, o narrador lembra-se de sua infância e emite sua opinião sobre as pessoas grandes:

Voei por quase todas as regiões do mundo. [...] Desta forma, ao longo da vida, tive muitos contatos com muita gente séria. Convivi com as pessoas grandes. Vi-as de perto. Isso não melhorou muito a minha antiga opinião (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.8).

A criança traz esse frescor em seu olhar, da pureza e da simplicidade da vida, e é através dessa experiência que o olhar infantil é devolvido ao adulto, sendo, por sua vez, também oferecido ao leitor, para assim reconectar-se com suas lembranças e valores, como afirma Breton(1978), ao falar sobre o sujeito e sua relação com a infância:

Se conservar alguma lucidez, não poderá senão recordar-se de sua infância, que lhe parecerá repleta de encantos, por mais massacrada que tenha sido com o desvelo dos ensinantes. Aí, a ausência de qualquer rigorismo conhecido lhe dá

a perspectiva de levar diversas vidas ao mesmo tempo; ele se agarra a essa ilusão; só quer conhecer a facilidade momentânea, extrema, de todas as coisas (BRETON, 1978, p. 185).

Sendo assim, através da noção da infância trazida pelo surrealismo e que, de alguma forma, enriqueceu nosso ponto de vista com relação a obra, compreendemos que Exupéry viveu o exílio sofrido, mas conectado consigo e suas ideias através da literatura, esta que para o autor passa a ser um espaço possível de liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho propôs, de forma breve, compreender os significados que a representação da criança em *O pequeno príncipe* apresenta, a forma singela e pura de o príncipezinho ver a vida. Retomando a pergunta que conduziu esta reflexão, compreendemos que esta é uma obra que pode ser lida como resistência ao imperialismo, ou a qualquer forma de dominação, uma vez que ela pode sugerir ao leitor um questionamento sobre a forma de ver o mundo que, no entremeio da Segunda Guerra Mundial, estava centralizada no indivíduo e em suas batalhas por território e por espaços. A obra pode assim ser interpretada justamente por advertir os adultos sobre o comportamento humano motivado (em contexto de guerra) a tornar-se egoísta e obcecado por vitórias.

A popularização desses ideais que o príncipezinho carrega tomou tamanha proporção mundial que, pela primeira vez na história, uma personagem de ficção foi escolhida para ser embaixadora da ONU e porta-voz dos direitos humanos, como cita o site oficial:

Héros d'un livre au message universel, Le Petit Prince est aujourd'hui un personnage mythique, symbole d'une humanité responsable et généreuse, porteur d'un message d'espoir et de fraternité, emblème d'une spiritualité qui cherche l'essence des choses, ce qui dure, ce qui donne du sens (RIVIÈRE, [200...])⁶.

Said (1999) aponta que muitos europeus e americanos foram instigados por narrativas que buscavam a igualdade e a solidariedade humana no con-

6 Herói de um livro com mensagem universal, O pequeno príncipe é hoje um personagem místico, símbolo de uma humanidade responsável e generosa, portador de uma mensagem de esperança e fraternidade, emblema de uma espiritualidade que busca a essência das coisas, aquilo que dura, aquilo que dá sentido. (Tradução nossa.)

texto imperial:

Mais importante, as grandiosas narrativas de emancipação e esclarecimento mobilizaram povos do mundo colonial para que se erguessem e acabassem com a sujeição imperial; nesse processo, muitos europeus e americanos também foram instigados por essas histórias e seus respectivos protagonistas, e também eles lutaram por novas narrativas de igualdade e solidariedade humana (SAID, 1999, p.08).

Acreditamos que *O pequeno príncipe* também se situa dentro do seu tempo e aparece com um olhar voltado às discussões sobre os valores esquecidos pelos homens em uma época de ganância e luta pela dominação.

Tamanho foi o impacto dos ensinamentos do príncipezinho que, entre as décadas de 50 e 60, quando a obra chegava ao leste Europeu, foi proibida na Hungria. De acordo com Cerisier e Lacroix (2013), o governo húngaro se opôs a obra com a justificativa de que as crianças de seu país se tornariam, logicamente, adultos futuramente então deveriam olhar para o céu para procurar por estrelas e asteroides, mas buscar Sputniks. O governo desejava que as crianças fossem livres do “veneno” da liberdade e da sua absurda nostalgia.

Assim, através desse breve estudo, é importante ressaltar que, mesmo no contexto em que o poder do imperialismo era dominante, Exupéry teceu uma forma de resistência. Ao ler *O pequeno príncipe*, nos parece enriquecedor observar que seu autor, durante a escrita da obra, viveu em exílio em um país que no pós-guerra se tornaria uma grande potência imperial e, ao mesmo tempo, carregou consigo a cultura de seu país de origem, que também exercia a política imperial-colonialista. Nessa perspectiva, a leitura da clássica obra supracitada deixa de ser ingênua, pois ela apresenta em seu enredo críticas e reflexões que colocam em questão valores humanos dessa mesma época.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BRETON, André. **Manifesto Surrealista** (1924). In: TELES, Gilberto de Mendonça (Org.). *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes, 1978. p. 168-202.

CAVALCANTI, A. E. *Filosofia: Grandes temas do conhecimento*. **Ideias**, N. 09, p. 12-17. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.antoinedesaintexupery.com/%C2%AB-je-reviens-chez-moi-le-groupe-233-c%E2%80%99est-chez-moi-%C2%BB-1943-1944> acessado em: 10/12/14 às 14h30min.

CERISIER, Alban. LACROIX, Delphine. **A bela história do pequeno príncipe**. Tradução de Maria Helena Rouanet; Ferreira Gullar. 1.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

COLI, Ana L.A. **A linguagem e a experiência da experiência: Blanchot e Benjamin entre o primeiro romantismo alemão e o surrealismo francês**. *Pensando Revista de Filosofia* Vol. 5, Nº 9, 2014 Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/viewFile/2889/1764> acesso em: 06/06/16

MUNHOZ, Patrícia. **A influência da Segunda Guerra Mundial na produção literária de Saint-Exupéry**. 2014. 197f. Tese (Doutorado em Letras). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114013/000803944.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01/07/15

RIVIÈRE, Thomas. **Le petit prince**, disponível em: <http://www.lepetitprince.com/oeuvre/phénomene/je-te-fais-mon-ambassadeur/> acesso em: 10/04/2016

SAID, Edward. W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Battman. São Paulo: Cia das letras, 1999.

_____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SAINT-EXUPÉRY, A. de, **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.